



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal ABCD Maior e ao programa ABCD Maior em Revista

(publicada no site da Simp no dia 17 de dezembro de 2008)

São Bernardo do Campo-SP, 30 de junho de 2008

Jornalista: O ABCD Maior em Revista recebe hoje o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Presidente, o senhor tem dito que, ao final do seu mandato, voltará a viver na nossa região. Quando o senhor saiu daqui a região vivia muitas dificuldades, muito desemprego e, enfim, a qualidade de vida na nossa região era muito sofrida. Qual a sua expectativa de encontrar, no ABCD, em 2010, e voltar a viver aqui?

Presidente: Primeiro eu fico extremamente feliz por ter contribuído para que o ABC voltasse a ter um dinamismo econômico, que foi a sua marca desde a implantação da indústria automobilística aqui, na década de 50. Eu, que vivi aqui no ABC, vivi no Sindicato momentos muito gloriosos, como a greve de 78 e, depois momentos muito complicados, como o processo de dispensa que começou a acontecer mais forte a partir de 1980, vejo agora a economia do ABC se recuperando, vejo a indústria automobilística voltando a crescer muito, vejo os postos de trabalho aumentando, vejo a construção civil crescendo, o comércio crescendo, o setor de serviços tendo um crescimento estupendo no ABC. Obviamente fico feliz porque vou voltar para a minha região depois de oito anos na Presidência da República, num momento em que a região está vivendo um amplo processo de crescimento econômico.

Eu volto para o ABC porque é aqui que eu tenho as minhas raízes, foi aqui que eu aprendi tudo na vida, foi aqui que nasceu minha mulher, nasceram meus filhos. Volto para cá para continuar fazendo política aqui no ABC, sem ser candidato a nada. Vamos deixar claro que eu não tenho mais interesse em



voltar para a direção do PT, não tenho mais interesse em ser candidato a nada. Eu quero fazer o que eu acho que eu sei fazer, que é fazer política, conversar com as pessoas, por esse Brasil afora.

Jornalista: Mas o senhor há de enfrentar aqui, ao voltar, questões de trânsito, violência e enchentes, que são as questões mais graves que aparecem hoje na nossa região. O que o senhor acha que os governos – federal, estadual – os sete municípios e as instituições regionais têm que fazer, para que esses problemas sejam resolvidos?

Presidente: O governo federal, quando instituiu o PAC, nós tomamos uma decisão: com os 40 bilhões de reais que colocamos para saneamento básico, nós priorizamos as chamadas “regiões metropolitanas”, onde tem os maiores problemas, pelo grande conglomerado de gente que mora nessas regiões, para melhorar a vida das pessoas que moram em favelas, tirar o nome “favela” e fazer com que aquilo seja parte da cidade mesmo, fazer o tratamento do esgoto, fazer o tratamento dos córregos. O governo federal está dando a sua contribuição para que isso aconteça.

O dado concreto, e ninguém quer discutir isso também, é que nós estamos agora fazendo um processo de reparação, em função da irresponsabilidade dos governantes nos últimos 50 anos. Por que as pessoas deixaram que o povo fosse morar em lugares que não são bons para morar, em encosta de morro, em beira de córrego? Por que foram construindo casas em lugares que, sabidamente, enchem d’água? Aqui em São Bernardo, por exemplo, a prefeitura foi construída em cima do rio. A irresponsabilidade foi muito grande nesses últimos anos. Então nós, agora, estamos tentando reparar isso. E eu espero que os governantes apliquem corretamente o dinheiro arrecadado nessas coisas que são consideradas prioridade.

Quando nós resolvemos atacar a questão das favelas em todas as



regiões metropolitanas do País, foi um sinal que a gente queria dar aos governos estaduais e aos governos municipais de que é possível, definindo como prioridade, nós resolvermos esse problema em um médio prazo.

Eu estou convencido de que nós haveremos de melhorar o problema das enchentes, o problema da má qualidade de moradia e o problema do trânsito, que é quase insolúvel, até que a gente construa os metrôs que precisam ser construídos, os trens que precisam ser construídos, porque imaginar que abrindo avenidas a gente vai resolver o problema do trânsito, não vai. A indústria automobilística está cada vez mais vendendo carros. Você sabe que todo homem e toda mulher quer ter um carro. O homem quer ter uma mulher bonita e a mulher quer ter um homem bonito. Todo mundo quer ter uma casa e todo mundo quer ter um carro. Eu acho que é uma paixão nacional. Então, eu penso que o que vai melhorar é a gente investir em transporte coletivo, para convencer as pessoas de que o carro pode ficar em casa para o final de semana e elas podem ir trabalhar, tranquilamente, de metrô. Por isso os investimentos no metrô, e o governo federal está fazendo metrô em Belo Horizonte, em Salvador, em Recife, em Fortaleza, o BNDES está financiando o metrô de São Paulo, porque nós queremos contribuir de forma decisiva para que o trânsito seja melhorado no Brasil inteiro.

Jornalista: Presidente, instituições regionais como consórcio, câmara regional, em regiões (Inaudível), em que as cidades estão muito próximas, como a nossa, não têm um papel importante para resolver esses problemas também?

Presidente: Para resolver não, mas para encaminhar sugestões para que sejam resolvidas, porque para resolver isso, se não for o poder público e os três entes federados trabalhando juntos – municipal, estadual e federal – você não resolve. Eu acho que os consórcios que foram criados aqui no ABC contribuem de forma extraordinária, na medida em que conseguem retratar



para os governantes aquilo que é o sentimento da sociedade civil, aquilo que é o sentimento do sindicato, aquilo que é o sentimento dos empresários. Se tiver governos que tenham sensibilidade, as coisas podem acontecer, se não tiver, vai ficar apenas a boa sugestão. Mas eu acho que se todas as regiões do Brasil tivessem o consórcio que foi criado aqui no ABC, certamente isso iria contribuir para se discutir problemas de desemprego, de saúde, de trânsito, de violência. Eu também acho que a violência será resolvida na hora em que o Estado estiver presente nos centros mais nervosos da sociedade.

Quando o Estado se apresenta em um bairro empobrecido – onde predomina o narcotráfico – abrindo ruas, iluminando, colocando escolas, colocando delegacia de polícia, biblioteca e centros de lazer, as pessoas começam a acreditar que o Estado está presente.

Jornalista: O senhor vê exemplos, aqui na região, de experiências como estas?

Presidente: É só você perceber a quantidade de dinheiro do PAC que nós colocamos aqui na região do ABC. Todas as favelas têm uma intervenção com dinheiro do governo federal, para que as pessoas possam fazer essa intervenção e levar para dentro da favela as condições necessárias para as pessoas prescindirem do tráfico. Na ausência do poder público municipal, na ausência do poder público estadual e na ausência do governo federal, o que predomina? A bandidagem. Então, nós só vamos acabar com isso, não é colocando polícia, é importante ter a polícia, mas é importante que tenha o poder público prestando serviços à comunidade, para que a comunidade volte a acreditar que o Estado está olhando por ela.

Jornalista: Entre os projetos que estão sendo discutidos aqui na região, pensando no nosso futuro, no futuro da região do ABCD, está um porto seco. A



idéia é trazer para a região todo um complexo de logística que combine o uso da proximidade de Santos com a proximidade do grande mercado consumidor de São Paulo, e fazer da região um ponto de cruzamento para tudo isso. Entre as pessoas que discutem isso, há quem diga que falta uma legislação específica para que se possa pensar em porto seco. O senhor concorda com isso?

Presidente: O ministro Marinho, quando era ministro da Previdência Social, conversou comigo sobre o porto seco. Eu achei a idéia extraordinária, pedi para que o meu Ministro da Indústria e Comércio, mais o Ministro dos Portos, começassem a discutir – em função da proximidade do porto de Santos e em função das mudanças que estamos fazendo no porto de Santos – quais as condições que nós teríamos que ter para montar aqui, no começo da Serra de Santos – para quem vai para Santos, aqui no final da Via Anchieta – como é que a gente poderia construir, porque é o melhor lugar para construir. Eu acho a idéia extraordinária porque ajudaria muito São Bernardo, desafogaria muito a cidade de Santos e o porto de Santos. Isso está sendo pensado dentro do governo e na hora em que o governo decidir que é plenamente possível, nós iremos fazer esse porto seco.

Jornalista: Sobre a unidade da Universidade Federal do ABC aqui em São Bernardo, humanas ou tecnológicas, senhor Presidente? Qual a sua opinião?

Presidente: Tem que ser uma universidade tecnológica, em função da característica fabril da região. Na verdade, nós queremos transformar a universidade tecnológica do ABC na mais importante universidade do País. No discurso de inauguração da universidade, quando nós viemos lançá-la, o ministro Fernando Haddad disse textualmente: “Esta universidade será, dentro de pouco tempo, a mais importante universidade feita no Brasil.” A nossa idéia



é que quando ela estiver pronta, tenha aproximadamente 25 mil alunos – 15 mil em Santo André e 10 mil em São Bernardo. Aqui em São Bernardo já era para a gente ter andado mais rápido, mas não andamos porque tivemos que comprar o terreno da prefeitura, pois queríamos fazer aqui no centro, e o prefeito nos tinha dado um terreno lá na estrada que vai para Ribeirão Pires, mas nós achamos que era muito longe, que tinha muita neblina, e a gente poderia estar encontrando dificuldades. Mas estou convencido de que essa universidade vai fazer uma revolução tecnológica na região. É a região mais apropriada para isso no Brasil, é a região mais industrializada no Brasil – indústria de ponta, sobretudo puxada pela indústria automobilística -, e eu acho que essa universidade tecnológica é uma grande conquista do ABC.

Jornalista: Com relação à cobrança de anuidades dos cursos do Sistema “S”. O senhor, que se formou torneiro mecânico pelo Senai, não acha que é tirar a oportunidade dessa juventude ter um futuro melhor?

Presidente: No meu tempo era de graça. De graça para mim, ou seja, a empresa onde eu trabalhava pagava a cota do Sistema “S”. O ministro Fernando Haddad acaba de concluir um acordo com a Confederação Nacional da Indústria, com a Fiesp, com as outras federações. A gente está propondo que haja uma repartição mais justa no âmbito nacional, desde que o curso seja gratuito. Nós queremos socializar um pouco o dinheiro do Sistema “S”. Eu fico feliz porque íamos mandar um projeto de lei, mas o ministro Fernando Haddad se colocou junto à Federação das Indústrias e fez um acordo. Eu acho que um acordo é sempre extremamente importante porque mostra o estágio de consciência política das pessoas envolvidas na discussão. Espero que a gente possa utilizar o Sistema “S” para dar cursos de formação profissional de graça, sobretudo porque o Brasil precisa de muita mão-de-obra especializada nesse momento de crescimento.



Jornalista: Presidente, queríamos falar um pouco de eleições municipais. Em São Bernardo do Campo, o senhor subirá no palanque de Luiz Marinho, seu ex-ministro, seu companheiro?

Presidente: Na verdade, eu vou trabalhar para o Marinho ganhar as eleições. Obviamente, vou ter uma decisão mais comedida no processo eleitoral porque, depois, o presidente da República sofre o rescaldo do resultado eleitoral. Se as pessoas ganham, o mérito é delas. Se as pessoas perdem, eu fico com o prejuízo, porque os deputados que foram candidatos e perderam voltam para Brasília, todos (inaudível) tentando encontrar o culpado. Mas eu penso que não tem por que não dizer o seguinte: nas cidades em que o PT tiver candidatura, disputando contra o PSDB e o PFL, eu não terei dúvida de subir no palanque com os meus companheiros, onde for.

Jornalista: Inclusive nas demais cidades da região...

Presidente: Veja, em função do quadro político, eu subirei. Acho que o Marinho seria... Eu digo de coração: quem conhece o Marinho como eu conheço, desde o tempo da Volkswagen, depois como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, depois como presidente da CUT, depois como ministro, eu acho que o Marinho seria uma redenção para São Bernardo do Campo. O Marinho seria a possibilidade de a gente fazer com que São Bernardo voltasse a ser administrada por um homem que tem a cabeça arejada, um homem que iria priorizar a dignidade dessa cidade. O Marinho é uma das pessoas que eu conheço na vida que tem mais personalidade. É uma das pessoas que tem qualidades humanas incomensuráveis, eu acho que ele, como prefeito de São Bernardo, mudaria a cara da cidade.



Jornalista: Do ponto de vista do governo federal, a pessoa do prefeito é importante (inaudível). São Bernardo, por exemplo, é uma das cidades, das sete aqui da região, que menos projetos aprovou junto ao governo federal. Em que medida a relação com o prefeito atrapalha ou dificulta essas ações do governo federal?

Presidente: Não tem relação. Um projeto de um prefeito não acontece, pelo fato de ele não ser ligado ao partido do presidente. Imagine cidades do PSDB, do PFL. Eu poderia dar como exemplo a cidade de São Paulo, capital, que é administrada pelo PFL, ou poderia pegar a cidade do Rio de Janeiro, que é do PFL. Perguntem, tanto ao prefeito Kassab quanto ao prefeito César Maia, se em algum momento da vida as cidades receberam tanto dinheiro quanto receberam no meu governo. Agora, se o prefeito não apresenta projeto, não vai ter dinheiro. Eu digo sempre que qualquer prefeito que queira dinheiro do governo federal tem que chegar lá com um projeto. Se o projeto estiver bom, se tiver consistência e o projeto executivo estiver adequado, dinheiro a gente arruma.

São Bernardo do Campo, eu acho que merece muito. Eu conheci essa cidade quando a Volkswagen tinha 44 mil trabalhadores, a Mercedes tinha 18 mil trabalhadores, a Ford tinha 17 mil trabalhadores. Hoje a Volkswagen, no auge, agora, tem quantos? Treze mil trabalhadores. Se pegar todas as Volkswagen do Brasil, são 20 mil trabalhadores. Muitos, dessa gente que há 20 anos morava em casa de alvenaria, foram obrigados a sair e morar em situações, eu diria, não confortáveis, em barraco. Então, o governo federal tem interesse em ajudar, tem dinheiro para ajudar, tem programa para ajudar. Se tem um prefeito aqui que apresenta um projeto... é só ver Diadema. Aquele hospital do Quarteirão inaugurado em Diadema, foi porque o prefeito tinha um projeto consistente. Ele apresentou, o projeto era viável e nós fizemos. O prefeito daqui ou de qualquer outra cidade quer apresentar um projeto,



independentemente de qualquer partido político, vai ter o dinheiro.

No caso do Marinho, eu tenho uma relação pessoal histórica com o Marinho, eu estou falando de quase 30 anos, portanto, o Marinho tem em mim um companheiro. Ele ganhando as eleições, eu vou ter mais dois anos de mandato, dá para fazer muita coisa juntos.

Jornalista: Presidente, nós estamos aqui com as obras do Rodoanel sendo retomadas, em fase já de conclusão. Durante todo esse tempo, o que a gente viu foi só propaganda do governo do estado em torno disso, e com dinheiro do governo federal. O que acontece, faltou comunicação (Inaudível)?

Presidente: Esse é um problema crônico. Esse é um problema com que eu não fico mais nervoso porque não vamos esperar que um governo estadual faça propaganda de um outro governo. Isso acontece em todo o território nacional. Mesmo o prefeito e o governador sendo seus amigos, você põe o dinheiro, eles fazem a obra e não falam que é do governo federal. Nós é que temos que fazer a propaganda. Nós estamos colocando 3,2 bilhões para o Rodoanel. Só este ano foram 300 milhões, no ano que vem será 1 bilhão. Nós não esperamos que o governador faça propaganda do governo federal. Cabe ao governo federal fazer a sua comunicação e dizer ao povo de São Paulo o que nós estamos fazendo em São Paulo. Por isso é que nós adotamos a idéia da comunicação regional. Neste momento nós estamos em todo o território nacional, fazendo propaganda sobre vários aspectos. Por exemplo, aqui em São Paulo, nós cuidamos de mais de 900 mil pessoas com o Bolsa Família. Talvez seja o mais forte programa de transferência de renda do Brasil. São Paulo só perde para a Bahia, que é onde tem mais gente que recebe o Bolsa Família, e se depender dos governos locais nós nunca teremos uma publicidade disso. Cabe a nós comunicarmos à sociedade o que estamos fazendo.



Jornalista: É inegável o sucesso dos programas sociais do seu governo. O que o senhor deixa para o seu sucessor?

Presidente: Eu penso que deixo o caminho aberto para quem vier depois de mim. Eu deixo como legado a lição mais importante que eu acho que foi dada ao povo brasileiro: que os de baixo podem ter oportunidade e podem progredir. Nós vamos deixar o ProUni, que é uma lição de vida, onde, neste momento, nós temos 400 mil jovens fazendo universidade, jovens da periferia. Nós vamos deixar o Bolsa Família, nós vamos deixar a agricultura familiar muito fortalecida, nós vamos deixar o PAC.

Então, eu penso que o legado que nós vamos deixar para a nossa sucessão é o despertar da consciência de uma sociedade que percebeu que ela pode muito mais. E eu acho que isso é uma conquista extraordinária: as pessoas se sentirem com a auto-estima elevada, as pessoas perceberem que tem alguém que olha por elas, as pessoas perceberem que é possível participar do bolo do crescimento do País. Eu acho que é isso que fica. E, também, a economia arrumada, para que a pessoa possa fazer muito mais do que eu fiz.

Jornalista: Em relação aos empregos, o senhor acha que tem muito fôlego, ainda, para a geração de mais empregos?

Presidente: Tem fôlego, porque o Brasil é um país muito grande. Certamente, essa combinação de crescimento econômico das nossas indústrias com o crescimento da nossa agricultura, com o crescimento das possibilidades do mercado internacional vai permitir que o Brasil possa exportar muito mais e vai, portanto, exigir que o Brasil produza muito mais. Eu trabalho com a hipótese de que a gente tenha de 10 a 15 anos de crescimento contínuo, muito sustentável, para que a economia possa recuperar tudo que a gente perdeu, de 1980 até



2002.

Jornalista: Em relação à qualidade desses empregos que estão sendo gerados nessa fase da nossa economia, o senhor diz e sustenta, em relação aos assentamentos rurais, que é preciso qualidade nesses assentamentos. Em relação ao trabalho urbano, também não é importante a qualidade desses empregos?

Presidente: É importante a qualidade, é por isso que nós estamos apostando muito na formação profissional. Eu vou dar um exemplo para você: de 1909, quando Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica profissional na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, até 2003, portanto, há quase 100 anos, foram construídas no Brasil 140 escolas técnicas. Nós estaremos entregando, no final do meu mandato, 214 escolas técnicas profissionais. Ou seja, em oito anos nós fizemos quase uma vez e meia tudo o que foi feito em 100 anos.

De universidades, nós estamos fazendo 10 universidades federais novas, 48 extensões universitárias, mais o Reuni que vai colocar, até 2010, mais 400 mil jovens na universidade. O Reuni, o que nós fizemos? Fizemos um pacto com as universidades federais, e em vez de 12 alunos por professor, elas vão ter 18 alunos por professor, e isso significa a possibilidade de colocar mais 400 mil jovens na universidade.

Além disso, nós vamos deixar uma universidade latino-americana que está sendo construída em Foz do Iguaçu, uma universidade com currículo latino-americano, com história latino-americana, com professores latino-americanos. E vamos construir, em Redenção, no Ceará, uma universidade africana, ou seja, metade dos alunos brasileiros e metade africanos, para que a gente faça um processo de reparação com o continente africano, por tantos anos de escravidão a que o Brasil submeteu aquele povo. Tudo isso significa o quê? Significa melhor qualificação profissional da juventude brasileira.



Além disso, nós temos esse convênio que vai ser feito entre o Ministério da Educação e o Sistema “S”. Além disso, nós temos o ProJovem, que está formando muita gente no Brasil. E nós achamos que, com a participação das empresas, dos sindicatos e do governo, a gente pode melhorar a mão-de-obra brasileira. Quanto mais qualificada, melhor o salário e mais possibilidades de emprego.

Jornalista: Mas em termos de relações de trabalho, o senhor, como originário do movimento sindical, não acha que o momento de crescimento da economia é um momento extremamente favorável para se fazer conquistas nas relações do trabalho, novos direitos trabalhistas?

Presidente: Eu acho, até porque eu aprendi aqui, nesta sala em que estou gravando este programa, que em época de crise os trabalhadores não conquistam nada, eu aprendi que em época de crise a gente só perde. A gente grita muito, chora muito e não ganha nada. Em época de crescimento econômico a gente não precisa nem fazer muito barulho, a gente conquista mais espaço no mundo do trabalho, mais salário e melhores condições de trabalho.

Jornalista: No balanço de oito anos do seu governo, que conquistas o senhor aponta como tendo sido resultado dessa (inaudível)?

Presidente: Eu não gosto dessa história de “eu me amo”, de falar bem de nós mesmos. Mas eu digo sempre o seguinte: o movimento sindical brasileiro nunca viveu o momento que está vivendo hoje. Primeiro, na sua relação com o governo federal. Segundo, eu passei 20 anos aqui, neste Sindicato, e em metade deles eu corri atrás de desgraça. Hoje, o movimento sindical tem crescimento de emprego, todos os acordos são feitos acima da inflação,



portanto, têm ganhos reais de salário. E a liberdade que o sindicato conquistou no mundo do trabalho é infinitamente maior. No meu tempo, para fazer uma greve, eu precisava ficar um mês gritando na porta da Volkswagen. Hoje, os companheiros reúnem a comissão de fábrica, decidem fazer greve e ela acontece.

Então, as conquistas foram muito grandes. Eu acho que o movimento sindical tem clareza de que no nosso governo a relação evoluiu de forma extraordinária e a conquista dos trabalhadores é maior. O reajuste da tabela do Imposto de Renda é uma conquista do sindicato. Hoje, os sindicatos estão tendo influência no Orçamento, dentro do Congresso Nacional. Hoje, o movimento sindical tem influência na conquista do salário mínimo, afinal de contas, foram quase 55% de aumento real que teve o salário mínimo. Hoje você pode comprar mais arroz, mais feijão, mais carne do que podia comprar em 2003.

Jornalista: Mas como o senhor vê as possibilidades de se conquistar a bandeira de 40 horas, por exemplo, que está na pauta do movimento sindical, atualmente?

Presidente: Quando o movimento sindical veio me pedir para mandar uma medida provisória reduzindo a jornada, eu falei: não façam disso um gesto do Presidente da República, façam disso uma conquista dos trabalhadores. Ou seja, que vão para a porta de fábrica, que vão para estação de trem, que vão para o ponto de ônibus.

Jornalista: O senhor vê chance (inaudível)?

Presidente: Eu vejo. Até porque os trabalhadores podem apresentar um projeto de lei de iniciativa popular. Isso tem um valor extraordinário. Da mesma



forma que os Sem Teto conquistaram o Fundo Nacional de Habitação Social, o movimento sindical pode conquistar a redução da jornada de trabalho. Agora, o que eu disse para eles? Não esperem que seja uma dádiva do Presidente. Conquistem isso politizando a sociedade. E eu acho que vão conquistar.

Jornalista: Em termos de movimento sindical, o que nós temos visto no Brasil é uma proliferação muito grande do número de centrais sindicais. O senhor acha que isso ajuda a luta dos trabalhadores? Fortalece ou enfraquece?

Presidente: Eu acho que não ajuda. Mas, de qualquer forma, eu penso que é um processo. A gente não consegue fazer política fora do momento histórico que estamos vivendo. Houve um primeiro momento, em que nós ficamos castrados durante quase quatro décadas, ficamos quatro décadas sem poder fazer movimento sindical. Depois nós tivemos 23 anos de regime militar, era proibido ter central sindical, e quando se permitiu, criou-se muitas centrais sindicais. Eu penso que o tempo vai fazendo com que os companheiros percebam que um processo de unificação – e criar uma central ou no máximo duas – é muito melhor para o movimento sindical.

Eu acho que esse é um momento de aprendizado. Eu também não acho ruim, porque são os ovos que estão se quebrando, os pintinhos estão aparecendo. Daqui a pouco a gente vai ver quem sobrevive mesmo, vai sobreviver quem tiver mais organização, quem for mais forte e quem representar melhor os trabalhadores.

Jornalista: Presidente, falando um pouco agora de economia: inflação tira o seu sono?

Presidente: Ainda não tira o sono, mas é um motivo de preocupação muito



grande, porque nós temos uma inflação hoje que é *sui generis*, é uma inflação decorrente da alta dos alimentos no mundo inteiro e há alguns fatores que levam a acontecer isso. Primeiro, o preço do petróleo. O petróleo tem uma forte incidência no preço dos alimentos, na medida em que os fertilizantes utilizam derivados de petróleo, o frete tem uma incidência muito grande no preço e também a energia consumida. Segundo, tem mais gente comendo no mundo. No Brasil as pessoas estão comendo mais, na Índia estão comendo mais, na China estão comendo mais, na África estão comendo mais, na América Central estão comendo mais. Terceiro, nós temos uma forte especulação no mercado futuro e, portanto, nós precisamos fazer essa discussão. Por isso eu estou indo ao Japão, no G-8, para fazer essa discussão.

No caso do Brasil, eu tenho dito que nós não poderemos ver isso como um problema. Nós temos que ver isso como uma solução. É um desafio para o Brasil. Enquanto nos últimos cinco anos o mundo consumiu 175 milhões de toneladas de grãos do seu estoque, o Brasil produziu no mesmo período 149 milhões de toneladas a mais. Significa que o Brasil pode fazer muito mais. Esse é um problema – eu não vou dizer que gosto dele – mas é um problema que eu quero transformar em um desafio. Por isso nós estamos anunciando uma safra agrícola muito importante na agricultura empresarial e estamos lançando a safra agrícola para a agricultura familiar, com o programa Mais Alimentos, em que nós queremos trabalhar para, até 2010, duplicar a capacidade produtiva da agricultura familiar do Brasil.

Jornalista: Nesse programa tem espaço para articular MST, Contag e o Movimento Social, que trabalha com a agricultura familiar?

Presidente: Tem espaço para organizar todo mundo, até porque eu acho que nós já temos mais de 4,5 milhões de pequenas propriedades no Brasil. Nós agora estamos com um programa para fazer um financiamento de 25 bilhões



de reais, até 2010, para fazer com que haja mais investimento em pesquisa, assistência técnica, e temos a idéia de fazer com que seja vendida à agricultura familiar por volta de 60 mil máquinas para modernizar a agricultura. Se isso acontecer, nós estaremos fazendo uma revolução, e aí nós vamos precisar da combinação perfeita da Contag, da Fetraf, dos Sem Terra e de todos que participam da agricultura familiar.

Jornalista: Há uma proposta deste sindicato que o senhor está hoje, de construir uma câmara de alimentos, para pensar o crescimento da produção de alimentos no Brasil. Como o senhor vê essa proposta?

Presidente: Eu recebi a idéia e acho que, em princípio, tudo que for movimento que se crie para envolver a sociedade em um debate, eu acho importante. Eu vou me debruçar sobre a proposta do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, e certamente mandarei aqui tanto o Ministro do Desenvolvimento Agrário, quanto o Ministro da Agricultura para discutir com a diretoria do sindicato, e se a idéia for exeqüível, não tenha dúvida de que nós executaremos.

Jornalista: Presidente, qual é a dificuldade que o senhor sente na democratização do acesso aos meios de comunicação de massa? Sem querer desmerecer a iniciativa do seu governo em construir a TV Pública, e outras iniciativas, como regularizar rádios comunitárias. O senhor, há 20 anos, esteve à frente da bandeira de trazer para os sindicatos a concessão de canais de televisão e de rádio. O senhor esteve com o ministro Antônio Carlos Magalhães e, naquela oportunidade, apresentou essa reivindicação. Passou-se esse tempo todo e nenhum resultado. Agora, no seu governo há alguma coisa bastante importante e simbólica no sentido de trazer para os sindicatos, em especial, a possibilidade de acesso a isso em Mogi das Cruzes. Mas de qualquer forma, Presidente, há outras coisas que estão paradas lá no



(inaudível). O que acontece nessa área?

Presidente: A rádio de São Bernardo é uma agonia, porque eu acabei de falar com o Ministro por telefone e ele disse: “Está resolvido o problema”. É que entre assinar a portaria fazendo a concessão e acontecer de verdade, leva pelo menos uns 90 dias. Nós fizemos uma reunião que envolveu a Anatel, o Ministro das Comunicações e a Casa Civil, e resolvemos criar todas as condições para democratizar as rádios comunitárias no Brasil. Agora, democratizar significa separar o joio do trigo, porque tem muito pedido de rádio comunitária que não tem nada de comunitária, nem pela esquerda e nem pela direita. Tem muita gente que tenta se aproveitar de um instrumento que é extraordinário para que a gente possa democratizar as informações no Brasil e democratizar os meios de comunicação.

Quando nós decidimos fazer a TV Pública, não foi uma coisa fácil. Foi uma coisa extremamente complicada porque você encontra muitas barreiras, eu diria, da burocracia interna da legislação, depois a barreira política, mas eu estou convencido de que nós avançamos e estou convencido de que é possível avançar muito mais. Nós precisamos fazer uma discussão com o Ministro das Comunicações, que eu penso que nos próximos 45 dias deveremos concluir, para que a gente possa tirar todos os obstáculos que nós temos hoje, que dificultam criar, tanto uma rádio popular, quanto fazer concessão de um canal de televisão para um sindicato ou para uma universidade, que eu acho extremamente importante.

Jornalista: Nós estamos organizando aqui na região, junto com alguns outros jornais e rádios, a Rádio ABC, uma campanha de coleta seletiva de lixo, procurando conscientizar o cidadão da importância disso. Qual a sua opinião sobre esse problema?



Presidente: Deus queira que vocês consigam ter o sucesso que eu acho que o Brasil precisa ter. Essa coleta de lixo seletiva, esse trabalho, nós temos uma parceria muito forte com os catadores de papel em São Paulo, com os companheiros que têm um trabalho extraordinário, e eu acho que é um problema de educação da sociedade. Se cada família tivesse consciência de que precisa separar adequadamente o lixo que produz, e colhesse e depositasse também de forma adequada, em um lugar para ser recolhido, nós não teríamos metade dos problemas que temos hoje. Nós iríamos diminuir a população de ratos nos grandes centros urbanos, nós iríamos diminuir as enchentes nos córregos que às vezes estão entupidos de lixo. Eu acho que esse é um processo educacional. Se a gente começar a levar essa questão para a escola, para o ensino fundamental, se a criança começar a receber mensagens positivas dentro da sala de aula e na televisão, certamente, essa criança vai ser o educador do pai ou da mãe. Deus queira que vocês consigam o sucesso nesse trabalho, porque está na hora de cuidarmos do Planeta em que vivemos.

Jornalista: Muito obrigado, senhor Presidente, por esta entrevista ao ABCD Maior em Revista. Nosso programa de televisão é um programa independente, construído dentro de um projeto de comunicação aqui na região, está comemorando dois anos de existência do jornal impresso, que nasceu em 2006, depois veio o programa de rádio em janeiro de 2007, e em julho de 2007 nós pusemos esse programa de televisão no ar. Hoje estamos comemorando também um ano de existência desse programa e a presença do senhor nesse nosso programa tem um simbolismo muito grande, mostra que, de fato, o Brasil pode ter esperança de que alguma coisa está mudando. Eu quero deixar para o senhor um livro que é editado pela Editora ABCD Maior, do economista Jéferson da Conceição, que também faz parte do nosso projeto. É um livro que deve iniciar mais um projeto de comunicação na nossa região, que a editora



não deixa de ser também. Tem uma dedicatória para o senhor...

Presidente: Vou fazer *merchandising* aqui com o livro. Celso, eu quero agradecer esta entrevista, desejar ao programa toda a sorte do mundo, e torcer para que logo seja legalizada a TV dos metalúrgicos. Que vocês possam ter um programa com amplitude, pode até ser que seja em amplitude nacional, mas se for só em São Paulo já está ótimo.

Jornalista: Mas eu conto com o senhor (inaudível) do projeto de (inaudível) e esse novo canal de televisão, ao mesmo tempo em que estamos na TV Mais, que é um canal de televisão que está aqui na NET, na região. Então nós estaremos com a sua imagem nesses canais de televisão, e esperamos que isso nos leve para conquistar uma rede, um espaço em rede. O fato de sermos uma produtora independente, uma produção independente, é muito significativo isso. Termos um Presidente da República falando em um projeto de produção independente tem um significado simbólico muito importante para o Brasil. Não são só as grandes redes de comunicação – que fazem o oligopólio da comunicação no Brasil, que hegemonomizam a comunicação no Brasil – que têm acesso ao Presidente da República. É esse o significado da sua presença aqui, Presidente, e é isso o que nós gostaríamos de agradecer.

Presidente: Obrigado a você e eu tenho fé e certeza de que a gente vai conseguir democratizar ainda mais os meios de comunicação.

(\$31DHJLP)